

## Ludi Gladiatorial: as escolas de treinamentos e a formação de profissionais em torno dos espetáculos de combate

*Ludi Gladiatorial: Training schools and professional training surrounding combat spectacles*

Ariza Maria Rocha

Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Brasil

### HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 02 julho 2022

Revisado: 19 agosto 2022

Aprovado: 22 agosto 2022

### PALAVRAS-CHAVE:

Gladiadores; Modelos Formativos; Ludi Gladiatorial.

### KEYWORDS:

Gladiators; Formative Models; Ludi Gladiatorial.

### PUBLICADO:

13 setembro 2022

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** Do ritual funerário aos espetáculos nos anfiteatros, os gladiadores desempenharam papéis sociais que se modificaram ao longo dos séculos século VIII a.C. ao século V d.C. da Antiga Roma.

**OBJETIVO:** Com foco histórico-educacional, este texto tem o objetivo de analisar as escolas de treinamentos (Ludi gladiatorial) como modelo formativo nas formas de lutar, armamento, preparo físico, estruturas de espetáculos, regras de lutas e convivência dos profissionais dos espetáculos de combate.

**MÉTODOS:** Para tanto, recorri à pesquisa bibliográfica nas obras de Veyne (2009, 2015), Poehler (2013), Garraffoni (2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2010), Site do Parque Arqueológico de Pompeia, entre outras obras e fontes que favorecessem a compreensão da trajetória do gladiador e da sua formação para responder às necessidades daquela sociedade, mesmo que, considerados pertencentes à atividade infame, os gladiadores eram requisitados em rituais comemorativos religiosos, militares e entretenimento nos anfiteatros e em outros espaços sociais, institucionalizando os locais de treinamentos e da trupe (familiae gladiatoriae) no contexto sociocultural e administrativa de romanos e não-romanos.

**RESULTADOS:** As escolas de treinamento foram as instituições de preparação física, técnica e convivência entre diferentes sujeitos (lanistas, preparadores, lutadores e fãs) que institucionalizaram a profissão de lutadores nos espetáculos nas cidades locais e em trupe pelas cidades circunvizinhas e difundiam imagens de lutadores, atletas e gladiadores evidenciando a fama desses representantes da classe infâmia, contudo também revelam o modelo formativo aos jovens pela referência à coragem de "morrer lutando", beirando o heroísmo, seja para fins militares e políticos, seja para fins disciplinares e punitivos. Tal mensagem incorpora-se aos espetáculos de massa, bem como à violência nas arenas.

**CONCLUSÃO:** Naquela instituição, o modelo de formação do gladiador foi sedimentado pelos rituais funerários (munus), comemorações religiosas, conquistas de guerras e punição aqueles considerados "fora da lei romana", sem esquecer de mencionar que tal modelo era exemplo de virilidade, força e fama atraindo jovens e voluntários da Roma Antiga e institucionalizando o combate de gladiadores em todo o domínio romano.

### ABSTRACT

**BACKGROUND:** From funerary rituals to amphitheater spectacles, gladiators played social roles that changed along the VII century B.C. and the V century A.D. in Ancient Rome.

**OBJECTIVE:** Historically and educationally focused, this text aims to analyze training schools (Ludi gladiatorial) as a formative model for the ways of fighting, arming, physical preparation, the structure used in spectacles, fighting, and living rules, and ultimately, the professionals inside roman combats.

**METHODS:** Therefore, I undertook bibliographical research through the works of Veyne (2009, 2015), Poehler (2013), Garraffoni (2008), and the Site of the Pompeii Archeological Park, among other works that could help me understand gladiators' training and trajectory to meet their contemporary roman society needs. Though considered part of infamous life, gladiators were requested to participate in commemorative religious and military rituals and in entertainment held at amphitheaters, thus, institutionalizing the places destined for training and the troupe (familiae gladiatoriae) to satisfy the roman and non-roman social, cultural, and administrative contexts.

**RESULTS:** Training schools were the institutions that served for physical preparation, technique and coexistence between different subjects (lanista, trainers, fighters and fans) and institutionalized the fighting profession through presentations in local cities and in troupes in the surrounding cities and spread images of fighters, athletes and gladiators evidencing the fame of these representatives of the infamy class; however, they also reveal the formative model to youngsters by referring to the courage to "go down fighting", bordering on heroism, whether for military and political purposes or for disciplinary and punitive ones.

**CONCLUSION:** In that institution, the gladiator's training model was rooted by funerary rituals (munus), religious celebrations, war conquests and punishment for those considered "outside the Roman law", let us not forget to mention that this model was an example of virility, strength and fame, luring young ones and volunteers from Ancient Rome and institutionalizing gladiatorial combat throughout the whole Roman imperial domain.

## INTRODUÇÃO

A complexidade dos processos e instituições formativas, sejam do passado, sejam do presente, agrega valores, sujeitos e práticas que se entrelaçam na organização de instrumentos (modelos) para atender ao contexto histórico-social de uma sociedade. Dito isso, indago: qual a contribuição das escolas de treinamento do gladiador na Antiga Roma na formação, no sentido amplo da palavra, de profissionais em torno dos espetáculos de combate?

Com foco histórico-educacional, este texto tem o objetivo de analisar as escolas de treinamentos (*Ludi gladiatorial*) como modelo formativo nas formas de lutar, armamento, preparo físico, estruturas de espetáculos, regras de lutas e convivência dos supracitados combatentes. Para tal propósito, inicialmente, apresento o debate na área, em seguida, contextualizo o combate dos gladiadores com ênfase na origem (*munus*) e as transformações ocorridas ao longo dos séculos e, na parte dos resultados enfoco a escola de gladiadores (*Ludi gladiatorial*) e os profissionais dos combates e, por fim, a conclusão

Para tanto, apoiei-me nas obras de Garraffoni (2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2010), Fabersani (2000), Guarinello (2007) e Veyne (2015) para a revista das mudanças conceituais do gladiador, em particular, de Pompeia; a plebe; a violência das lutas nas arenas; a política do “pão e circo” e o evergetismo. A esse respeito, estudiosos, a exemplo de Garraffoni (2004), entre aqueles já mencionados, têm chamado atenção das ideias preconcebidas do Panem et Circense (Pão e Circo) e dos combates de gladiadores que predominaram até o primeiro quartel do século XX em abordagens teóricas e metodológicas.

Fabersani (2000), Garraffoni (2008), entre outros, discutem a versão do “povo apático, submisso e pobre” que viviam da distribuição do trigo e do divertimento “sangrento” na função ideológica da luta de gladiadores. Fabersani explica que o critério de distribuição do trigo “não era a pobreza, mas a condição de cidadão (p. 83). O referido autor argumenta que se trata de “um quadro absolutamente falso sobre a vida dos pobres na Roma Imperial: o famoso *Panem et Circenses*” (FABERSANI, 2000, p. 83).

Corroborando com a falsa teoria da manipulação das massas, Omena em “A criação de uma tradição: a ociosidade da *plebs* romana (2009) argumenta que o uso inconsistente de tal interpretação destoa dos registros encontrados nas obras literárias, epigráficas e em estabelecimentos comerciais, enfim, não se tratava de um povo que não trabalhava e vivia do ócio, mas de pessoas esquecidas pelos historiadores que contemplavam o estudo da vida de imperadores, filósofos, ricos etc. Tal argumento também é defendido por Knapp na obra “*Invisible Romans: prostitutes, outlaws, slaves, gladiators, ordinary men and women...the Romans that history forgot*” (2013).

Exposto a questão da plebe que assistia os espetáculos, indago: o que fazia um nobre romano oferecer à coletividade pão e circo, entre eles, combate de gladiador? Veyne (2015) explica que tais combates eram “reivindicações impostas aos privilegiados pelo povo, (e não) tentativa de corrupção do povo pelos privilegiados” (2015, p. 82), logo, eram espaços de reivindicações para “quem recebia a

nomeação de pretor ou cônsul” [e] “devia desembolsar alguns milhões para dar ao povo de Roma espetáculos públicos, representações teatrais, corridas de carros no circo, até dispendiosos combates de gladiadores (...); depois o novo pretor ou cônsul ia ressarcir-se dos gastos no governo de uma província (VEYNE, 2009, p. 103).

Tal ação é fundamentada no evergetismo e Veyne (2015) explica que se trata de um termo empregado por André Boulanger e Henri-Marrou (1923) a respeito da herança grega (período helenístico) que se estendeu à Antiga Roma. Mas, o que é o evergetismo?

O evergetismo consiste no fato de que as coletividades (cidades, colégios...) esperam que os ricos contribuam com seus próprios recursos para as despesas públicas, e que suas expectativas sejam atendidas: os ricos contribuíam com as despesas públicas espontaneamente ou de bom grado. Suas despesas a favor da coletividade eram dirigidas principalmente aos espetáculos de circo e de arena, mas amplamente a prazeres públicos (banquetes) e à construção de edifícios públicos; em resumo, aos prazeres e às construções, a *voluptates* e a opera pública (VEYNE, 2015, p. 15).

Assim, na dinâmica social nem o conceito de gladiador (sujeitos históricos representados por homens livres, escravos, prisioneiros de guerra e voluntários) e tampouco a sociedade romana da Antiguidade permaneceram os mesmos ao longo de séculos nos extensos territórios do Oeste ao Leste, Norte e Sul do Mar Mediterrâneo (Europa, África do Norte e parte da Ásia Menor).

Dos mitos da fundação de Roma aos rituais morais-militares, os combates de gladiadores representaram diferentes significados e interesses em distintos momentos, assim, desde o período da fundação mitológica (753 a.C.) até a Queda do Império do Ocidente (476 d.C.) em que a complexidade daquela sociedade dominou do Oeste ao Leste e do Norte ao Sul do Mar Mediterrâneo coabitaram configurações e interesses populares e populistas da República (século III – I a.C.) ao Principado do Império (século I a.C. – V d.C.)

De início, os combates eram realizados em estruturas provisórias (feitas de madeira e próximas ao fórum - espaço com função comercial, política e religiosa), tendo passado posteriormente para estruturas permanentes, quando os imperadores assumiram o poder. A esse respeito, Plínio, em História Natural (33.53), menciona que Gnaeus Pompeius Magnus (106 a.C. – 28 a.C.) construiu um lugar permanente para seus jogos extraordinários em 55 a.C. (FUTRELL, 2006). Outros exemplos de anfiteatros foram encontrados nas províncias romanas que, entre outros aspectos, adotaram os estilos de vida romanos (início do século III d.C.).

Acompanhando as mudanças de Roma, as instituições, os costumes e os combates de gladiadores moveram-se no tempo, a exemplo da programação, que não se manteve rígida, e passou a incluir a caça e a luta com os animais selvagens (*venationes*), como, por exemplo, os elefantes do Norte da África, utilizados nas guerras entre os romanos e a cidade fenícia de Cartago (Guerras Púnicas, 264 e 146 a.C.) e, posteriormente usados como símbolos da derrota Cartagena (FUTRELL, 2006).

Ainda a título de exemplo, quando o Imperador Trajano derrotou os dácios (Campanha Dácia de Trajano, en-

<sup>1</sup> Tradução feita pela autora: “Romanos invisíveis: prostitutas, bandidos, escravos, gladiadores, homens e mulheres comuns... os romanos que a história esqueceu”.

tre 101 e 106 d.C.), realizou jogos em Roma (107 d.C.). A comemoração da vitória incluía 11.000 animais, 10.000 gladiadores lutando às vezes, mas nem sempre, até a morte, que duraram 123 dias (NICHOLLS, 2017). Tais espetáculos eram financiados pelos espólios da guerra – dinheiro disputado pelos generais – e fomentaram o crescimento e o embelezamento de Roma, a exemplo dos monumentos, aquedutos, basílicas, templos, anfiteatros, estradas, entre outras construções.

O mosaico encontrado na Tunísia “Telegenii” (século III d.C.) é fonte de muitas interpretações e apresenta a trupe de artistas que promovia espetáculos itinerantes com animais selvagens para a caça e com lutadores, ora caçadores, ora acrobatas, considerados os melhores produtores teatrais do Norte da África. Em tal documento está o registro do espetáculo, da programação e da presença de artistas locais, acrobatas e combates com os animais. Plínio, em História Natural (33.53), aponta a primeira ocasião em que criminosos foram obrigados a lutar com animais nos jogos promovidos por Gnaeus Pompeius Magnus (55 a.C.), cujos equipamentos eram feitos de prata (FUTRELL, 2006).

O mosaico de Zliten encontrado na Líbia (COULSTON, 2009) apresenta cenas do espetáculo com caça de animais, sacrifícios (pessoas e animais), lutas de gladiadores, presença de árbitro e grupos para apoiar o espetáculo, ao tempo em que músicos (SÁNCHEZ MUÑOZ, 2015) tocam tuba, órgão hidráulico e cornetas (*cornu*). A execução de criminosos também está no mosaico Thysdrus, Sollertian House, em El Djem, Museu Arqueológico, Tunísia.

Em situações, muitas vezes, arbitrarias, a lista de punição abrangia a crucificação, a escravidão<sup>2</sup> nas minas ou combater animais selvagens (*Dammantio ad bestias*) com o gladio (*Damnatio ad gladium*) ou contra o gladiador. Assim, podia ganhar e tornar-se um gladiador (*Damnatio ad ludos*) ou morrer lutando pela vida e honra. Lutar contra esses guerreiros também era a oportunidade de aprender a técnica e a estratégia de luta, possivelmente surgindo a classificação dos pares nos combates, bem como o tipo de luta, o armamento utilizado conforme a etnia do rival e a compensação dos pontos fracos/fortes do adversário: entre eles, os trácios (*Thracas*), gauleses (*Galli*) e samnitas (*Samnites*) (PRZYWARA, 2014).

Destaco que a violência não se justifica no passado nem nos espetáculos de luta dos dias contemporâneos, bem como não se pode desvincular as mortes na arena do contexto social, político e militar, em que todos aqueles considerados inimigos perigosos enfrentavam as execuções públicas, a exemplo de incendiários, ladrões, vândalos, criminosos, cristãos e rivais de tribos vizinhas.

Outros documentos registram as batalhas navais e o combate de gladiadoras (*gladiatrix*) (SODERQUIST, 2017) que seguiam os mesmos procedimentos. Entretanto, o

recrutamento dos lutadores passou por mudanças. Geralmente ocorria na forma de punição para os escravos, prisioneiros de guerra e criminosos, enquanto o voluntário (aquele cidadão nascido livre e que se submetia ao juramento de obediência ao lanista-administrador da escola de treinamento denominada de *ludus gladiatorial*), passa a ser objeto de venda, aluguel (*auctoramentum*) e negociação de pagamento (caso o gladiador morresse na arena).

Delegando sua liberdade ao lanista, o voluntário passa a pertencer à classe desprezada de Roma, juntamente com os atores, cocheiros, prostitutas e a profissão de gladiador, considerada infame<sup>3</sup>. Os motivos que impulsionaram o voluntariado aos combates nas arenas eram diversos, desde a busca de prestígio, fama e dinheiro, até a ausência de compensação, simplesmente por competir, conforme registra Livio 28.21; na ocasião em que o general Cipião Africano (*Publius Cornelius Scipio Africanus Maior*) realizou os muner para pagar seus votos aos deuses e homenagear o falecido pai e tio (206 a. C.), os gladiadores eram movidos por outros interesses, ou seja, “[...] voluntário e sem compensação”, para “[...] mostrar um exemplo da coragem inata em sua tribo” e “[...] declararam por iniciativa própria que lutariam para agradar ao general”, além da “[...] rivalidade e o desejo de competir” (LIVIO apud FUTRELL, 2006, p. 32-3).

Assim, para além da punição, o desejo de competir movia aqueles lutadores-voluntários. Dito resulta situações heterogêneas que compuseram a dinâmica social daqueles espetáculos. Além das mencionadas categorias, alguns nobres eram atraídos pelas lutas nas arenas, a exemplo do Imperador Cômodo (Lucius Aurelius Commodus, 180 – 192 d.C.), que se apresentava como gladiador nas arenas (*virtus causa*) embalado pelo desejo de ser igual ao herói Hércules (GARNSEY et al., 2014).

A respeito da premiação, o mosaico encontrado na Tunísia “Telegenii” (século III d.C.) retrata interessantes pontos, como, por exemplo, quatro bolsas de dinheiro, cada uma simbolizando mil denários (CARTER; EDMONDSON, 2014) e o evergetismo, conforme mencionado anteriormente, de Magerius, que oferece o espetáculo ao público no final do seu mandato de prefeito. A exaltação do povo ao evergeta no mosaico é um registro do reconhecimento público que até as gerações futuras conhecerão.

O gosto do povo e o populismo dos imperadores se misturam ao evergetismo greco-romano, em que as *evergesias* destacavam-se pelo caráter coletivo: obras públicas, bens e serviços coletivos (VEYNE, 2015), ou seja: “[...] não é nem um dom, nem uma troca, nem um símbolo, mas, do ponto de vista dos indivíduos, uma prestação” (VEYNE, 2009, p. 79).

Tais evergesias iam desde a construção de prédios e monumentos em homenagem aos heróis de guerra até a

<sup>2</sup> Troconis (2013, p. 110) explica que as situações de escravidão: “a) los niños abandonados y recogidos (alumni), a quienes el amo (nutritor) solía manumitir al llegar a la pubertad; b) los hombres libres que se alquilaban como gladiadores (auctorati); c) quienes tenían una pena pecuniaria que solventar (addicti), y d) los hijos que habían sido vendidos dentro de Roma y que debían ser manumitidos para recuperar la libertad. Para todos ellos, la forma de alcanzar la libertad debía ser mediante la manumisión (manumissio), un acto de disposición voluntaria por parte del dominus, en el que el propio esclavo ‘compraba’ su libertad. Mediante la proclamación oficial de la manumisión, cualquier esclavo se hacía libre, sino que también se convertía en ciudadano”. (Tradução feita pela autora: a) aos meninos abandonados e reconhecidos (alumni) a quem o amo (nutritor) somente alforriava quando atingissem à puberdade; b) homens livres contratados como gladiadores (auctorati); c) os que tinham uma pena pecuniária a pagar (addicti) e d) os filhos vendidos em Roma que deviam ser alforriados para recuperarem a liberdade. Para todos, o caminho para alcançar a liberdade tinha que ser através da alforria (manumissio), um ato de disposição voluntária do dominus, em que o próprio escravo ‘comprava’ sua liberdade. Por meio da proclamação oficial de alforria, qualquer escravo se tornava livre, mas que também se torna cidadão”.

<sup>3</sup> Castillo Sanz (2012, p. 16) comenta: “El gladiador tenía una consideración similar a las personas apartadas de la sociedad: prostitutas, actores y artistas, hechiceros y magos, mendigos y otras personas manchadas por una sociedad de clases que no podía permitir que determinados personajes gozasen de las mismas consideraciones que miembros honestos de la ciudad; pero a su vez ofrecían servicios tan solicitados como los de un tabernero, un abogado o un magistrado. La sociedad romana los necesitaba, pero los marcaba con la nota de infamia para controlarlos y apartarlos de alguna manera. Esta infamia siempre se ha descrito desde el punto jurídico y podía ser mediata si se producía por sentencia judicial; o inmediata si resultaba del ejercicio de una actividad infame”. (Tradução feita pela autora: O gladiador tinha uma consideração semelhante as pessoas excluídas da sociedade: prostitutas, atores e artistas, feiticeiros e mágicos, mendigos e outras pessoas manchadas por uma sociedade de classes que não podia permitir que certos personagens usufruíssem das mesmas considerações que os membros honestos da cidade; ao mesmo tempo ofereciam serviços tão solicitados como os de um taberneiro, um advogado ou um magistrado. A sociedade romana precisava deles, mas os marcavam com a nota da infâmia para controlá-los e separá-los de alguma maneira. Essa infâmia sempre foi descrita desde o ponto de vista jurídico e poderia mediar sem produzir uma decisão judicial; ou imediata sem resultar do exercício da atividade infame”.

distribuição de moedas e mais: “[...] convidar toda a cidade às bodas de sua filha” (VEYNE, 2009, p. 107), oferecer combates fúnebres de gladiadores e banquetes funerários na morte para homenagear um ente familiar; “[...] não se trata de redistribuição, nem de ostentação, nem de despolitização” (VEYNE, 2015, p. 7).

Pelas apresentações performáticas, ou pelas punições, a diversidade de espetáculos de gladiadores atravessou os séculos em períodos e estruturas distintos na Antiguidade Romana, em que os gladiadores “eram estrelas” e “davam uma lição de resistência, vigor moral e beleza” (VEYNE, 2009, p. 181).

## MÉTODOS

Recorri à pesquisa bibliográfica para analisar alguns aspectos dos espetáculos nas arenas romanas, para tanto, destaco as obras de Castillo Sanz (2012), Nicholls (2017), Poehler (2013), Przywara (2014), Garraffoni (2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2010), Veyne (2009, 2015), entre outros, como referências por elucidarem alguns rótulos que se tornaram verdades absolutas no trato dessa temática.

Também me apoiarei no Site do Parque Arqueológico de Pompeia. O referido Parque está localizado no sul da Itália, antiga região de Campânia e, desde 1997, é patrimônio mundial pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO. Para além do turismo, o Parque promove a preservação, restauração, salvaguarda, conservação e valorização do legado material e imaterial. Assim, em cada escavação, novas descobertas e outras reflexões do modo de viver daquela civilização emergem e são veiculadas nas publicações do citado Site (POMPEII-SITE). Saliento que, deter-me-ei na Região V (Quartel dos gladiadores) e Região VIII (*Quadriporticus* dos teatros ou Quartel dos gladiadores).

Ressalto que não se trata de um percurso linear de tempo e muito menos a pretensão de abarcar uma história milenar em poucas linhas; mas, apenas pontuarei algumas questões para compreender o percurso formativo do gladiador na dinâmica sociocultural e administrativa do século VIII a.C. ao século V d.C., em que destacarei o envolvimento dos antigos romanos com o *ludus/ludi* (singular/plural) e o *munus/munera* (singular/plural). Na primeira categoria, Baptista, Leite e Silva explicam:

[...] em um mesmo conjunto: as brincadeiras e jogos das crianças; o universo dos espetáculos públicos; os instrumentos e elementos de prazer e surpresa da literatura e da poesia; a prática e o treino para a batalha; os espaços de aprendizagem formal e os grupos de aprendizes que se empenham em exercícios físicos ou intelectuais (2018, p. 11).

Nesse conjunto, destaco o *ludus gymnicus* (atlético), o *ludus circensis* (corrida de bigas) e o *ludus scaenicus* (teatral), entre outros que eram voltados ao público e oferecido pelo Estado durante as festividades religiosas. Na segunda, destaco o *munus*, termo deriva do latim (singular, *munus*; plural, *munera*) no sentido de “dever”, “obrigação”; tratava-se de uma oferta/presente/doação e/ou uma prestação de serviços por magistrados e/ou *evergetas* ao povo (VEYNE, 2015) e destaco a obrigação de homenagear a honra e o prestígio no ritual fúnebre ao membro da família em demonstração pública, em que o combate de

gladiadores demonstrava a importância daquele nobre. Significativo é o registro de Tito Lívio (Titus Livius, 59 a.C. - 17 d.C.) a respeito do *munus* gladiatorial oferecido por Decimus Junius Brutus em honra ao falecido pai (264 a.C.).

Provavelmente tal prática proceda da Etrúria, povo do norte de Roma. Entre as influências dos etruscos, saliento o aspecto militarista desse ritual, que incluía contestes, entre eles, as lutas com combates de gladiadores (FUTRELL, 2006). Posteriormente, em tais rituais fúnebres foi incluso banquetes públicos (*epulum*) (FUTRELL, 2006). Um exemplo está registrado em Tito Lívio 39.46 (183 a.C.), em que, durante o funeral de Publius Licinius, a carne e a luta de 120 gladiadores foram distribuídas durante o acontecimento, que durou três dias. No final, um banquete público foi servido, em que o *lectus* (peça mobiliária para sentar/deitar e realizar refeição) foi distribuída pelo fórum.

Ainda é possível a influência dos povos samnitas em tal prática de luta apreendida pelos romanos em Cápua, Campânia, Itália. Tal região foi palco das Guerras Samnitas (343 - 290 a.C.) e considerada o berço das lutas de gladiadores (PRZYWARA, 2014), inclusive, com a primeira escola de treinamento de gladiadores (*Ludi gladiatorii*; *ludus* - singular; *ludi* - plural), que, em 105 a.C., era administrada pelo C. Aurelio Scauro. O local foi palco da revolta liderada pelo gladiador Spartacus (73 - 71 a.C.)<sup>4</sup>, ao lado de outros líderes, como Crixus e Oenomaus, e 74 escravos de procedência gaulesa, germânica e trácia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que sustentava o modelo formativo do gladiador romano? Woolf (2012, p. 33) explica que povoaram o imaginário, bem como a educação da Península Itálica, obras de poetas épicos que penetraram no “ser romano”, entre elas, *Ilíada* e *Odisseia*, do poeta grego Homero (século VIII a.C.) e que narram as aventuras e os acontecimentos dos heróis, respectivamente, Aquiles e Ulisses (Odysseus), durante a Guerra de Troia, além da obra *Eneida*, de Publio Virgílio Maro (70 a.C. - 19 a.C.), encomendada pelo Imperador Augusto (século I a.C.) para consagrar o destino grandioso do povo romano a partir do príncipe Eneias, o herói que conduz os fugitivos da Guerra de Troia pelo Ocidente e supera os obstáculos da longa jornada de peregrinação até atender ao local destinado pelos deuses de erguer Roma.

Os mitos foram utilizados para a busca de significados e justificativas de expansão, domínio e glória romana e, à medida que se acumulavam os mitos, eram incluídos outros elementos pelas poesias, poemas e guerras dos descendentes “[...] de heróis errantes, especialmente Hércules, mas também de Odisseu (ou Ulisses), Perseu” (WOOLF, 2012, p. 38), entre outros, para justificar “[...] o domínio de um povo, o povo da toga, sobre aqueles a quem tinham vencido na guerra: um domínio aprovado pelos deuses de Roma como uma marca da sua preferência por um povo que era incomparavelmente devoto” (WOOLF, 2012, p. 38).

Woolf (2012) menciona também a obra *Desde a fundação da cidade*, do historiador romano Titus Livius, a partir do mito fundador, ou seja, a loba que amamentou Rômulo e Remo, descendentes do deus da guerra, Marte. O autor narra a história das conquistas dos imperadores, a ascen-

<sup>4</sup> Na ocasião, o proprietário e treinador dos gladiadores, lanista (lanistae) era Cornelius Lentulus Batiatus.

são de Roma e as mudanças culturais na Era Cristã. Enfim, “mitos da preferência divina e da virtude moral, bem como lendas de feitos heroicos realizados pelos antepassados deste ou daquele aristocrático” (WOOLF, 2012, p. 55).

A peregrinação dos mitos heroicos exalta exemplos de superação e conquista; da rivalidade entre os irmãos, as justificativas das guerras civis; do deus da guerra, a agressividade para dominar outros povos, enfim, trata-se de construções sociais representadas em “[...] um conjunto de ideias e símbolos que exerceu um fascínio sobre muitas gerações subsequentes” (WOOLF, 2012, p. 41).

O modelo formativo do gladiador apoia-se na complexidade das questões acima, por meio das quais é possível compreender que as forças históricas também têm um sentido cultural complexo que sedimentaram o gladiador no cotidiano, anfiteatro, na educação pela prática e na identidade distintiva dos combates de gladiadores em relação aos jogos olímpicos da cultura helênica. Assim, a quem se destinava a imagem do gladiador?

Ilustro tal questão com o mármore de dois atletas lutando – provavelmente treinando – encontrado no Ginásio dos Jovens (*Gymnasium of the Iuvenes*) na Região VIII do Parque Arqueológico de Pompeia, localizado na entrada que, segundo o Site oficial de Pompeia, trata-se de um espaço que fazia parte da casa de banho masculina (Século I d.C.). Nas paredes do local estão afrescos de lutadores, atletas com halteres, juiz da competição e a vitória de um lutador.

A imagem, o espaço e a mensagem veiculada pelo gladiador revelam os valores que não estão dissociados das motivações políticas, econômicas e culturais dos “projetos de domínio e de hegemonia que agitam a vida da res publica romana e do Império” (CAMBI, 1999, p. 44); mesmo tendo o desprezo social, talvez um único e último caminho para conquistar prestígio, fama, liberdade e uma pequena soma em dinheiro.

E qual era o espaço de formação? Na *Ludi* (plural) e, Baptista, Leite e Silva (2018, p. 11) alertam para os diferentes significados do termo *ludus* (singular), a saber: 1) No sentido de: “jogo, uma brincadeira, uma diversão”, daí o emprego de “entretenimento público, jogos públicos, os espetáculos”; 2) No sentido de: “institucional, como festividade ligada às comemorações da comunidade, temos o *ludus* como jogo poético”; e 3) No sentido de: “*ludus ou skholé* refere-se também ao lugar da educação formal nas sociedades grega e romana”.

E, embora os referidos sentidos sejam indissociáveis de tal termo, referir-me-ei aqui ao espaço de aprendizagem que envolvia relações entre os iniciantes e os veteranos; escravos libertos e sujeitos livres; gladiadores e treinadores; e integrantes da trupe. Assim, o *ludus* era o “espaço concreto do aprendizado” (BAPTISTA; LEITE; SILVA, 2018, p. 11).

Tais escolas espalharam-se pelas províncias romanas, a exemplo de Carnuntum, Áustria (NEUBAUER, 2014). Segundo Pastor Muñoz e Pastor Andrés (2013, p. 134), “*En el Imperio habría más de 150 ludi. Cada uno de estos representaba un polo de actividad económica floreciente para la ciudad en que se encontraba*”, tendo perdurado até a conversão de Roma ao cristianismo, legalizada pelo Imperador Constantino (313 d.C.) através do Édito de Milão; posteriormente o Imperador Teodósio I (393 d.C.) proibiu, perseguiu, cancelou e combateu todas as práticas e símbolos considerados

não cristãos, ou seja, “hereges”, entre eles, templos politeístas, anfiteatros, festas religiosas, jogos olímpicos, atléticos e aqueles realizados nos circos e nas arenas.

No contexto em que espetáculos tomaram proporções de entretenimento de massa, estruturas de apoio passaram a ser implementadas na logística, organização, administração, recrutamento do material humano e preparação de gladiadores nas escolas de treinamento (NICHOLLS, 2017). Para ilustrar, menciono quando o Imperador Tito Flávio Vespasiano (69 - 96 a.C.) construiu o Anfiteatro (com capacidade para acomodar 10.000 pessoas, no antigo terreno da “Casa Dourada” de Nero) com destaque para as quatro escolas de gladiadores (*Ludi gladiatorial*) para treinamentos e alojamentos conhecidas por Ludus Magnus, “escola dos grandes jogos” (NICHOLLS, 2017), Ludus Dacicus, Ludus Gallicus e Ludus Matutinus.

À frente da escola, estava o lanista, que poderia ser o proprietário, gerente e treinador (ocupando, algumas vezes, o papel de juiz nas lutas), possivelmente ex-combatente liberto e até aposentado (JACOBELL, 2003) da arena (harena, areia). Destaco que, nos modelos imperiais, as escolas eram propriedades de imperadores, a exemplo de Júlio Cesar (*Luliani*) e Nero (*Neroniani*), sejam para a estrutura empresarial dos espetáculos, sejam para ter experientes lutadores para fins bélicos ou para outros serviços, como guarda-costas ou formação de um exército próprio, com profissionais de combates.

Beard (2016, p. 314) comenta que o trabalho do lanista incluía “adquirir os gladiadores para a sua trupe, o que presumivelmente implicava a procura de talentos em leilões locais de escravos. Mas, uma vez adquiridos, eles precisavam ser treinados”, contudo, o lanista também “podia contratar homens de outras tropas para completar a trupe ou para exibir temporariamente um lutador famoso”. Em linhas gerais, os espetáculos eram patrocinados pelos notáveis, e os agentes organizavam os jogos, e o editor, o magistrado responsável pelos serviços públicos, poderia acompanhar as negociações (GÓMEZ-PANTOJA; GARRIDO, 2009) com o lanista.

Também era negociado, caso houvesse, o gladiador ferido ou morto, cujo propósito era evitar a perda de gladiador diante do elevado investimento<sup>5</sup> realizado na preparação do gladiador, assim “devia fazer parte do trato entre o lanista e o patrocinador que, quando um lutador perdia, o mais comum era que o patrocinador desse o exemplo à multidão indultando-o, em vez de fazê-lo enfrentar a morte ali mesmo” (BEARD, 2016, p. 316).

Após a negociação, os espetáculos eram anunciados nos *edicta munerum* nas paredes das cidades, com a divulgação da programação, patrocinadores, nome dos lutadores e duração dos jogos, entre outras informações. Um exemplo encontrado em Pompeia é o anúncio dos jogos gladiatoriais oferecidos por Decimo Lucrécio Sátrio Valente

<sup>5</sup> Gómez-Pantoja e Garrido (2009, p. 25) comentam que: “[...] durante o período da República era muy frecuente concederla, pues era muy costoso entrenar buenos gladiadores para luego matarlos. Esto se prolongará hasta la primera parte del Imperio, donde, según diversas fuentes, en el siglo I d.C. solamente 1 de cada 5 gladiadores eran ejecutados en la arena. A partir de los siglos II y III d.C. era más frecuente matar a uno de los combatientes debido al aumento del gusto por la muerte y la sangre del público. De cada 2 perdedores lo normal es que uno muriera, es decir, que un tercio de las luchas terminaban con la muerte de al menos un gladiador” (Tradução feita pela autora: “No período da República era muito comum concedê-lo, pois era muito caro treinar bons gladiadores e depois matá-los. Isso continuará até a primeira parte do Império, onde, segundo várias fontes, no século I d.C. apenas 1 em cada 5 gladiadores foram executados na arena. Dos séculos II e III d.C. era mais frequente matar um dos combatentes devido ao aumento do gosto pela morte e pelo sangue no público. De cada 2 perdedores, é normal que um morresse, ou seja, um terço das lutas terminou com a morte de pelo menos um gladiador”).

retratado no cartazista de Emílio Celer (BEARD, 2016).

Os nomes artísticos dos gladiadores eram escolhidos para impressionar o público, intimidar o adversário e atrair possíveis compradores ou locatários. As alcunhas escolhidas: *"aludían a divinidades mitológicas, animales o héroes míticos, así como a atributos como la fuerza o la astucia. Era común también la utilización de apodos en lenguas bárbaras, aludiendo al lugar de procedencia del gladiador"*<sup>6</sup> (GÓMEZ-PANTOJA; GARRIDO, 2009, p. 32). Eis alguns exemplos: "Hector, Hercules, Astacius, Ferox, Habilis, Triumphus, Beryllus, Lascivus" (PASTOR MUÑOZ; PASTOR ANDRÉS, 2013, p. 135).

Nas referidas escolas de treinamentos, os recrutas amadores (*tiro*) conviviam com os lutadores experientes (*veterai, veteranus*), que se dividiam em níveis hierárquicos, ou seja: *quartus palus, tertius palus, secundus palus, primus palus, rudiarius* (GÓMEZ-PANTOJA; GARRIDO, 2009). Os treinamentos eram físicos (FAGAN, 2015), estratégias de lutas e técnicas de manuseio com o armamento.

Segundo Pastor Muñoz e Pastor Andrés (2013, p. 25), tais conhecimentos apoiavam-se nos "entrenadores griegos, quienes, desde el siglo VIII a.C., habían estado preparando a sus deportistas para los Juegos Olímpicos y el resto de competiciones griegas"<sup>7</sup>. Os referidos autores mencionam que utilizavam ainda exercícios de força com levantamento de peso, em que os treinadores eram *"eran rudiarios que acababan de retirarse y ejercían como maestros en el ludus; doctor: Rudiarius retirados con gran experiencia que enseñan en el ludus"*<sup>8</sup> (GÓMEZ-PANTOJA; GARRIDO, 2009, p. 32).

Eis a trupe de espetáculo, ou melhor, *familiae gladiatoriae*, que formava a "equipe" que convivia na escola de treinamento obedecendo à disciplina e submissos ao comando do lanista que aponta para o modelo formativo da carreira e institucionalização do ofício e da prática corporal-competitiva no entretenimento de multidões em anfiteatros locais e em outras cidades, contudo respeitando o ritual do banquete oferecido aos gladiadores na noite anterior ao espetáculo, a exemplo do mosaico (século III d.C.) que se encontra no Museu Arqueológico El Djem, Tunísia, que mostra os gladiadores no banquete realizado na arena juntamente com a presença de cinco zebus.

De modo semelhante às fileiras militares, o espetáculo iniciava com o desfile de gladiadores com a abertura (*pompa*), depois aquecimento (*prolusio*), comprovação do armamento afiado (*probatio armorum*) e depois o combate por pares. As lutas eram acompanhadas por dois árbitros, que usavam uma vara (o principal: *summa rudis* e o auxiliar: *secunda rudis*), e pelos apoiadores (*Iorarii*), que eram aqueles que estimulavam os gladiadores a lutar (GÓMEZ-PANTOJA; GARRIDO, 2009), conforme revela o mosaico encontrado na Vila Romana, ao Norte dos Alpes (15,65 m x 10,30 m, possivelmente século II e III d.C.), representando cenas de combates com animais, gladiadores lutando na presença do juiz e músicos tocando durante as lutas que duravam 15 minutos<sup>9</sup>.

Diante do exposto, ser um profissional de lutas nos

<sup>6</sup> Traduzo: "eles aludiam às divindades mitológicas, animais ou heróis míticos, bem como atributos como força ou astúcia. Também era comum o uso de apelidos em línguas bárbaras, aludindo ao local de origem do gladiador".

<sup>7</sup> Traduzo: "Treinadores gregos, que desde o século VIII a. C preparavam seus atletas para os Jogos Olímpicos e todas as outras competições gregas".

<sup>8</sup> Traduzo: "eram rudiários que acabavam de aposentar e trabalhavam como professores no ludus; médico: Rudiarius aposentado altamente experiente que ensina no ludus"

<sup>9</sup> Para o conhecimento das regras de combate ver GÓMEZ-PANTOJA; GARRIDO, 2009.

espetáculos das arenas poderia significar a liberdade e fama, também, teria a possibilidade de ser lanista *"Los que habían conseguido acumular una pequeña fortuna no solían abandonar el negocio de la gladiatura"*<sup>10</sup> (GÓMEZ-PANTOJA; GARRIDO, 2009, p. 25). Também poderia ser doctor *"Rudiarius retirados con gran experiencia que enseñan en el ludus"*<sup>11</sup> (GÓMEZ-PANTOJA; GARRIDO, 2009, p. 32).

Ganhar, perder (nem sempre significa morrer) ou empatar (*stans missus*) eram as possibilidades das lutas e algumas partidas com os placares ficaram registradas em grafites, em pichações e até nos relevos das lápides dos túmulos de gladiadores registrando a carreira do gladiador; por exemplo, encontra-se em Pompeia, no lado oeste do portão de Herculano, o túmulo de pedra de *Aulus Umbrius Scaurus* ou do seu filho (há dúvidas a esse respeito).

Tal documento registra o combate de animais (leões, panteras, javalis, lobos, veados e cães), treinamento, armamento, indumentária, o juiz separando os combatentes e o registro do número de combates de que cada um participou, bem como o resultado de vitórias, perdas e empates. Em cima, a inscrição referente ao MVNERE...TI AMPLIAT DIE SVMMO, indicando que o show foi dado por *Numerius Festius Ampliatus* [CIL IV 1182]. Tal evidência revela que nem sempre os gladiadores eram sacrificados caso perdessem a luta (BEARD, 2016).

E mais, a respeito do relacionamento entre os gladiadores, Gómez-Pantoja e Garrido comentam que: *"[...] era de hermandad, les unía un vínculo muy grande. Por ese motivo, cuando un gladiador debía luchar en la arena le confiaba su familia a otro gladiador cercano para que cuidara de ella"*<sup>12</sup> (2009, p. 25).

Outros exemplos estão no Parque Arqueológico de Pompeia e ilustro com o Quartel dos gladiadores na Região V do referido Parque; trata-se de um prédio construído em meados do século I a.C. para sediar a escola privada. Depois do terremoto de 5 de fevereiro de 62 d.C.<sup>13</sup>, o prédio passou a ser residência privada, e a corporação foi dissolvida provavelmente mediante a decisão do Senado de Roma, provavelmente devido ao confronto no anfiteatro, em 59 d.C., do povo de Pompeia versus o povo da cidade vizinha, Nocera Inferiore, que apoiava os gladiadores das mencionadas cidades (POMPEII SITES, 2015) ou pelo aumento da quantidade de gladiadores e que precisava de um espaço maior.

No local foram encontrados grafites e pichações que revelam nomes, carreiras, placares das lutas, tipos, armamentos, personalidades, relações entre os gladiadores e popularidade deles (JACOBELLI, 2003). Após o mencionado terremoto, o Quadriporticus dos teatros ou Quartéis de gladiadores (*Quadriporticus of the theatres or Gladiators barracks*), localizado na Região VIII, passou a funcionar atrás do palco do "Teatro Grande", com capacidade para 5.000 mil pessoas, tendo sido construído no século II a.C.

Naquele local, passou a funcionar a escola de gladiadores em um local no formato de quadrilátero, cercado de 74 colunas dóricas e uma galeria composta de dois pavimentos: na parte inferior estão as celas. Segundo Fagan

<sup>10</sup> Traduzo: "Aqueles que conseguiram acumular uma pequena fortuna não costumavam deixar o negócio de gladiadores"

<sup>11</sup> Traduzo: "Rudiário aposentado com grande experiência que ensina no ludus".

<sup>12</sup> Traduzo: "Era uma irmandade, eles estavam unidos por um vínculo muito grande. Por esta razão, quando um gladiador tinha que lutar na arena, ele confiava sua família a outro gladiador próximo para cuidar dela".

<sup>13</sup> Consultar Pompeii Sites.

(2015, p. 123), “[...] cada cela com 4 m<sup>2</sup>”. Do lado leste estavam os espaços sociais comuns (BEARD, 2016), ou espaços destinados aos outros profissionais de alto escalão, e/ou treinadores, provavelmente ficavam no pavimento superior, juntamente com três ou quatro casa de gladiadores. Beard (2016, p. 315) alerta que não “[...] se sabe se os alojamentos eram a base permanente de uma única ou se eram temporários, para as tropas de passagem”. Também se discute a respeito dos *Cónyuges, Familiares y Compañeros* (SÁNCHEZ, 2019).

Em 2019, foi encontrado na Região V o afresco de dois gladiadores lutando na arena. O afresco tem a forma de trapézio (1,12 m x 1,5 m) e localiza-se atrás da clareira, embaixo da escada de madeira, provavelmente decorando a parede da sala de uma loja ou taberna em que passavam os gladiadores para o pavimento superior, possivelmente aposentos que abrigavam negociantes, prostitutas e gladiadores.

Tal evidência está publicada no POMPEISITE e retrata o combate de dois gladiadores: à esquerda, o “Murmillo” (Mirmilão), gladiador representante da legião romana, de armadura, capacete (aba larga, viseira e crista), escudo retangular e espada curta, classificado como armamento pesado para engrenar outro de armamento pesado; o oponente é um “Thracian” (Trácio), categoria de armamento pesado (*Parmularii*) com capacete (aba larga - galea, viseira e crista alta), caneliras até os joelhos e escudo no chão (Figura 1).



Figura 1. O afresco de Gladiadores lutando na Regio V, Pompeia

Fonte: Pompeii Sites, 2019.

A pintura retrata a derrota do Trácio ensanguentado ferido no pulso e no peito, que, com o polegar, faz o gesto de *adlocutio*, pedindo misericórdia. Há também, ainda indecifrável, a figura de uma terceira pessoa, provavelmente juiz da competição (Ludi magister). Além das categorias acima, Pompeia teve outros tipos de combatentes, entre eles, Myrmillo, Gallus, Thraex, Retiarius, Secutor, Provocator, Hastarius, Eques, Samnis, Hoplomachus, Essedarius, Dimachaerus (SERRA, 2014).

Diante do exposto, a escola era o espaço de aprendizagem, profissionalização e convivência com outros gladiadores, que passavam suas experiências de luta apreendida pela prática, treinamento e convivência, mesmo com o caráter ameaçador, punitivo e violento nas arenas (GARRAFFONI, 2007).

## CONCLUSÃO

As escolas de treinamento foram as instituições de preparação física, técnica e convivência entre diferentes sujeitos (lanistas, preparadores, lutadores e fãs) que ins-

tucionalizaram a profissão de lutadores nos espetáculos nas cidades locais e em trupe pelas cidades circunvizinhas e difundiam imagens de lutadores, atletas e gladiadores evidenciando a fama desses representantes da classe infâmia, contudo também revelam o modelo formativo aos jovens pela referência à coragem de “morrer lutando”, beirando o heroísmo, seja para fins militares e políticos, seja para fins disciplinares e punitivos. Tal mensagem incorpora-se aos espetáculos de massa, bem como à violência nas arenas.

Naquela instituição, o modelo de formação do gladiador foi sedimentado pelos rituais funerários (*munus*), comemorações religiosas, conquistas de guerras e punição aqueles considerados “fora da lei romana”, sem esquecer de mencionar que tal modelo era exemplo de virilidade, força e fama atraindo jovens e voluntários da Roma Antiga e institucionalizando o combate de gladiadores em todo o domínio romano.

## AGRADECIMENTOS

A autora agradece a Felipe Aragão e José Hélio Lima.

## CONFLITO DE INTERESSE

A autora do estudo declara não haver conflito de interesses.

## FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro.

## REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, N. H. T.; LEITE, L. R.; SILVA, C. F. P. da. Definindo Ludi, ampliando conceitos. In: BAPTISTA N. H. T.; LEITE, L. R.; SILVA, C. F. P. da (Org.). *Ludus: poesia, esporte, educação*. Vitória: PPGL, 2018. p. 1-13.
- BEARD, M. *Pompeia: a vida de uma cidade romana*. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.
- CARTER, M. J.; EDMONDSON, J. *Spectacle in Rome. Italy, and the provinces*. Oxford: Oxford University, 2014.
- CASTILLO SANZ, F. J. El auctoratus: controversia entre libertad e infamia. *Revista Antesteria*, Madrid, n. 1, p. 155-68, 2012. Disponível em: <[https://www.ucm.es/data/cont/docs/106-2016-03-16-Antesteria%201,%202012ISSN\\_153.pdf](https://www.ucm.es/data/cont/docs/106-2016-03-16-Antesteria%201,%202012ISSN_153.pdf)>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.
- COULSTON, J. The evidence of gladiatorial iconography. In: WILMOTT, T. (Org.) *Roman Amphitheatres and Spectacula: a 21st-Century Perspective*. An International Conference Held at Chester, 16th-18th Feb. 2007. BAR International Series 1946. 2009. DOI: <<https://doi.org/10.30861/9781407304267>>.
- FAGAN, G.G. Training Gladiators: Life in the Ludus. In: BRICE, L. L.; SLOOTHES, D. (Ed.). *Aspects of Ancients Institutions and Geography*. Impact of Empire, v. 19; Chapt 06, Leiden: Brill, 2015. p. 122 -144.
- FUTRELL, A. *The Roman Games: Historical sources in translation*. London: Blackwell, 2006.
- GARNSEY, P.; SALLER, R.; GOODMAN, M.; REGNOT, F. *The Roman Empire: economy, society, and culture*. 2. ed. London: Bloomsbury, 2014.
- GARRAFFONI, R. S. *Técnica e destreza nas arenas romanas: uma leitura da gladiatura no apogeu do império*. 2004. 273f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <<https://bv.fapesp.br/pt/publicacao/137472/tecnica-e-destreza-nas-arenas-romanas-uma-leitura-da-gladiatura/>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.
- GARRAFFONI, R. S. Contribuições da Epigrafia para o estudo do cotidiano dos gladiadores romanos no início do Principado. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 247-61, 2005. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0101-90742005000100010>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

GARRAFFONI, R. S. **Gladiadores na Roma antiga**: dos combates às paixões cotidianas. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

GARRAFFONI, R. S. Panen et circenses: máxima antiga e a construção de conceitos modernos. *Phoinix*, v. 11, n. 1, p. 246-67, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufjr.br/index.php/phoinix/article/download/33329/18742>>.

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A. Morte e vida na Arena Romana: a contribuição da teoria social contemporânea. *Fênix*, v. 4, n. 1, p. 1-10, 2007. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/754>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

GARRAFFONI, R. S. Lendo sobre arenas romanas e repensando o papel dos gladiadores. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 105-22, 2008. Disponível em: <[https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis\\_v29\\_n2\\_2008\\_art\\_02.pdf](https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v29_n2_2008_art_02.pdf)>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

GARRAFFONI, R. S. Arenas antigas e estádios modernos. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2008. Disponível em: <<https://revistas.ufjr.br/index.php/Recorde/article/view/788>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

GARRAFFONI, R. S. Por que estudar os Gladiadores Romanos? *Phília*, Informativo de História Antiga, v. 33, p. 6, 2010. Disponível em: <[https://www.academia.edu/16971840/Por\\_que\\_estudar\\_os\\_gladiadores\\_romanos](https://www.academia.edu/16971840/Por_que_estudar_os_gladiadores_romanos)>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. F. Considerações sobre o estudo da antiguidade clássica no Brasil. *Acta Scientiarum Education*, Maringá, v. 32, n. 1, p. 1-6, 2010. DOI: <<https://doi.org/10.4025/actascieduc.v32i1.9474>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

GÓMEZ-PANTOJA, J. L.; GARRIDO, J. *Epigrafia Anfiteatrale dell'Occidente Romano VII*. Baetica, Tarraconensis, Lusitania. Roma: Quasar, 2009. Disponível em: <<https://raco.cat/index.php/SEBarc/article/download/255964/342913>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

GUARINELLO, N. L. Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo. *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 125-32, 2007. Disponível em: <<http://philpapers.org/archive/GEAMR>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

JACOBELLI, L. *Gladiators at Pompeii*. Roma: L'Erma di Bretschneider, Roma, 2003.

KNAPP, R. *Invisible Romans*: prostitutes, outlaws, slaves, gladiators, ordinary men and women...the Romans that history forgot. London: Profile Books, 2011.

MUSÉE ARCHÉOLOGIQUE D'EL JEM. *Découvrez l'histoire de l'antique Thysdrus*. Disponível em: <<http://eljem.virtualexperience.net/fr/virtual-tour>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

NEUBAUER, W.; GUGL, C.; SCHOLZ, M.; VERHOEVEN, G.; TRINKS, I.; LÖCKER, K.; DONEUS, S. T.; MEIRVENNE, M. V. The discovery of the school of

gladiators at Carnuntum, Austria. *Antiquity*, Cambridge, v. 88, n. 339, p. 173-90, 2014. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/antiquity/article/discovery-of-the-school-of-gladiators-at-carnuntum-austria/4ACC29C5CC928A88A8A4F5ADC3E989CB>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

NICHOLLS, M. *Rome: a virtual tour of the ancient city*. Course of Future Learn, University of Reading, Rome, 2017.

OMENA, L. M. "A criação de uma tradição": a ociosidade da plebs romana. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, v. 21, n. 38, p. 9-21, 2009.

POMPEII. *Herculaneum Gate West Side*. Tomb of Numerius Festius Ampliatus? Tomb of Aulus Umbricius Scaurus son of Aulus? Eschbach West 17, Kockel Süd 17. Disponível em: <<https://www.pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/Tombs/tombs%20hgw17.htm>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

POMPEII. *A Guide to the Pompeii Excavations*. Board of Cultural Heritage of Pompeii. 2015. Disponível em: <[www.pompeii.org](http://www.pompeii.org)>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

POMPEII. *The Fresco of the Fighting Gladiators*. A New Discovery in Regio V. Disponível em: <<http://pompeii.org/en/gallery-pompei-en/the-fresco-of-the-fighting-gladiators-a-new-discovery-in-regio-v>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

SODERQUIST, H. The Gladiatrix. *The Tuxedo Archives*, San Rafael, v. 2010, Art. 9, 2017. Disponível em: <<https://scholar.dominican.edu/tuxedolite/vol2010/iss1/9>>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2022.

TROCONIS, M. P. I. Poderes domésticos en la Roma Antigua. Saberes e poderes no Mundo Antigo. Estudos Ibero-Latino-Americanos. In: CERQUEIRA, F.; GONÇALVES, A. T. M.; MEDEIROS, E. B.; LEÃO, D. F. (Org.). *Dos poderes*. V. II. Série Hmanitas Svpplementvm. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013, p. 103-116.

VEYNE, P. *História da vida privada*, 1: do Império Romano ao Ano Mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VEYNE, P. *Pão e circo*: sociologia histórica de um pluralismo político. São Paulo: Unesp, 2015.

WOOLF, G. *Roma*: a história de um império. Desde o século VIII a.C. até a alvorada da Idade Média. Portugal: Casa das Letras, LeYa, 2012.

## ORCID E E-MAIL DA AUTORA

Ariza Maria Rocha

 <https://orcid.org/0000-0003-4706-8646>

 ariza.rocha@urca.br